

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (PÔSTER)

NOME: LUCIANO JOSÉ GONÇALVES MOREIRA

TÍTULO: HANNAH ARENDT E PAULO FREIRE: UM ECO NA DISCUSSÃO ACERCA DA PROMOÇÃO DE AUTONOMIA.

AUTORES: LUCIANO JOSÉ GONÇALVES MOREIRA, VERA LÚCIA FERREIRA ALVES DE BRITO

PALAVRA CHAVE: AUTONOMIA, HANNAH ARENDT, PAULO FREIRE

RESUMO

A presente comunicação surge do projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Pós-graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais e versa sobre a construção do conhecimento do ponto de vista da autonomia dos alunos no processo pedagógico existente. Centra-se na compreensão de autonomia em Hannah Arendt e em Paulo Freire. Discute a ação como liberdade, como uma forma dos educandos realizarem seus atos por si mesmos, buscando alcançar autonomia e emancipação. A autonomia de suas ações será o resultado do processo educacional pelo qual passam e poderá ser uma construção de conhecimento que privilegie seu contexto e sua compreensão do que acontece no mundo, em especial à sua volta, e não uma pedagogia fatalista que reproduz o discurso daqueles que governam segundo o caminho que projetaram. O fato de o homem ser capaz de agir, para Hannah Arendt, significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isso só é possível porque cada homem é único, e cada nascimento é uma possibilidade de uma revolução no mundo. Para Paulo Freire uma das questões centrais com que o processo pedagógico tem de lidar é a mudança de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que promovam a inserção no processo radical de transformação do mundo. Ele diz ainda que cada jovem é capaz de interpretar a sua realidade e não se tornar resignado com o pensamento único. Deste modo indaga-se a aproximação entre o processo pedagógico revolucionário da ação que Arendt propõe e o processo pedagógico emancipador de Paulo Freire. A análise comparativa entre os autores, sobretudo o conceito de Ação de Arendt e o de Autonomia de Freire, tem sido a metodologia utilizada objetivando poder estabelecer a diferenciação que ocorre entre eles. Privilegia-se a apreciação do conceito já que "definir um conceito consiste, portanto em fixar sentido, referência, produzir suas relações e fornecer as regras que permitam sua reutilização" (COSSUTTA, 1994, p.53), e assim seria possível compreender como cada autor trabalha em toda a sua obra. Encontramos como primeira inquietação da pesquisa a seguinte problemática: há possibilidade de comparar Freire com Arendt à luz do pensamento de filosofia-política dela? Resultados preliminares sugerem que o conceito de Ação que a autora trabalha tem uma ligação com o conceito de Autonomia do pensador brasileiro. No processo de diferenciação, comparação, entre Hannah Arendt e Paulo Freire surge outro questionamento: é possível ouvir um eco arendtiano revolucionário que convoca a uma criação do novo no mundo e esta pode ser uma chave conceitual para a compreensão de Paulo Freire? Os resultados parciais têm direcionado para uma afirmação, com a evidência que deste modo os aprendizes, ao testemunhar a beleza da construção do conhecimento, têm a possibilidade de questionar a realidade e desfazer a lógica neoliberal que considera que um sujeito não pode revolucionar sua vida e transformar o mundo – agir para Arendt. É o que Freire pretende para a educação, fonte promotora de ação – com base na reflexão – que resulta em autonomia.